ISSN: 2358-8829

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL: EXPERIÊNCIAS DO PROUPE NA ENGENHARIA AGRONÔMICA DO CESVASF

Alexandre Corrêa de Castro Junior[1]

INTRODUÇÃO

A extensão universitária constitui uma dimensão fundamental da educação superior, pois aproxima a formação acadêmica das necessidades sociais e estabelece oportunidades de construção compartilhada de conhecimentos. Ao articular saberes científicos e experiências comunitárias, contribui para uma aprendizagem contextualizada e para o reconhecimento dos sujeitos e dos territórios nos quais a universidade está inserida. A Resolução CNE/CES nº 7/2018 reconhece a extensão como atividade integrada à matriz curricular e à organização da pesquisa, promovendo a interação transformadora entre instituições de ensino superior e outros setores da sociedade (BRASIL, 2018).

No semiárido pernambucano, a agricultura familiar enfrenta desafios associados à disponibilidade de água, às condições ambientais, ao acesso à orientação técnica e à adequação de práticas produtivas às particularidades locais. Nesse contexto, as iniciativas de extensão rural podem criar espaços de diálogo para identificar problemas concretos e discutir alternativas sustentáveis. A Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural, instituída pela Lei nº 12.188/2010, reforça a importância de processos educativos continuados e de metodologias participativas na atuação com agricultores familiares (BRASIL, 2010).

O presente trabalho sistematiza experiências de dois projetos de extensão desenvolvidos no curso de Engenharia Agronômica do Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco (CESVASF), com participação de estudantes bolsistas do Programa Universidade para Todos em Pernambuco (PROUPE). Um projeto está direcionado à capacitação de agricultores familiares; o outro aborda a produção animal sustentável em pequena escala, com atenção à caprinovinocultura e à apicultura. Ambos articulam a formação dos estudantes com as demandas das comunidades rurais do Vale do São Francisco pernambucano.

O objetivo é analisar as contribuições formativas e sociais dessas ações, descrevendo seus procedimentos participativos, as atividades educativas previstas ou desenvolvidas e os

[1] Professor de Ensino Superior: Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco (CESVASF), Pernambuco. correa.cj@gmail.com

resultados qualitativos registrados até o momento. A discussão concentra-se no potencial da extensão como ambiente de aprendizagem profissional e de fortalecimento do diálogo entre universidade e agricultura familiar, sem pressupor impactos produtivos ainda não mensurados.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Trata-se de uma sistematização descritiva de experiências extensionistas em andamento, orientada por abordagem aplicada e por procedimentos qualitativos e quantitativos previstos nos projetos. O campo de atuação compreende unidades produtivas familiares e espaços formativos vinculados às ações de extensão no Vale do São Francisco pernambucano. Os participantes centrais são estudantes bolsistas de Engenharia Agronômica, docentes envolvidos na orientação e agricultores familiares atendidos pelas iniciativas.

O percurso metodológico contempla levantamento de demandas, diagnóstico participativo das unidades produtivas, aplicação de questionários semiestruturados, observação direta, visitas técnicas e realização de oficinas. Os instrumentos buscam identificar condições de produção, dificuldades relatadas pelos agricultores e oportunidades de capacitação. As informações levantadas orientam a seleção de temas e a adaptação das orientações técnicas às condições ambientais, econômicas e sociais de cada propriedade.

No eixo de capacitação agrícola, as atividades focalizam práticas sustentáveis, orientações de manejo e difusão de tecnologias apropriadas às condições do semiárido. No eixo de produção animal, as ações abrangem alternativas de pequena escala e aspectos de manejo da caprinovinocultura e da apicultura. A organização pedagógica privilegia conversas com produtores, encontros formativos e demonstrações práticas, buscando superar a transmissão unilateral de informações.

Os registros visuais apresentados no banner institucional documentam diálogo com agricultor, encontro formativo, atividade prática de campo e experimento em horta, compondo evidências ilustrativas do desenvolvimento das ações. A análise aqui apresentada é predominantemente interpretativa, apoiada na descrição dessas atividades e nos registros disponíveis. Não foram fornecidos números consolidados de participantes, indicadores de produtividade ou avaliação longitudinal; por isso, não se realizam inferências quantitativas sobre efeitos econômicos ou produtivos. A utilização de imagens em eventual publicação deverá observar as autorizações pertinentes.

[1] Professor de Ensino Superior: Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco (CESVASF), Pernambuco. correa.cj@gmail.com

ISSN: 2358-8829

REFERENCIAL TEÓRICO

A extensão universitária, conforme as diretrizes nacionais, pressupõe interação dialógica com a sociedade, interdisciplinaridade e impacto na formação discente (BRASIL, 2018). Nessa perspectiva, o estudante não atua apenas como transmissor de técnicas: participa da escuta das comunidades, reconhece conhecimentos construídos na prática e aprende a formular respostas fundamentadas em problemas reais. O campo, portanto, torna-se espaço de produção de conhecimento e de desenvolvimento de competências profissionais e humanas.

A Lei nº 12.188/2010 situa a assistência técnica e a extensão rural no âmbito de processos educativos voltados ao desenvolvimento rural sustentável. Sua orientação dialoga com propostas que valorizam a participação dos agricultores na identificação de necessidades e na escolha de alternativas adequadas às suas condições. Assim, a formação extensionista precisa considerar a diversidade de sistemas produtivos, as limitações de recursos e os conhecimentos acumulados pelas famílias (BRASIL, 2010).

No semiárido, a sustentabilidade depende também da adequação das tecnologias às condições locais. Cavalcanti, Resende e Brito (2003) discutem tecnologias de convivência com a seca destinadas a pequenos agricultores, contribuindo para compreender a importância da contextualização das soluções. Esse referencial ajuda a interpretar por que visitas, diagnósticos e oficinas não devem ser atividades isoladas, mas etapas articuladas de um processo educativo contínuo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os registros disponíveis permitem identificar quatro dimensões qualitativas das experiências: aproximação entre universidade e comunidade, aprendizagem prática dos bolsistas, contextualização das orientações técnicas e valorização do conhecimento dos agricultores. Essas dimensões constituem categorias interpretativas da sistematização, não resultados de uma análise estatística ou de instrumentos de avaliação já consolidados.

Na primeira dimensão, o diálogo com agricultores e a realização de visitas favorecem o reconhecimento de necessidades específicas das unidades produtivas. A escuta e o diagnóstico participativo ampliam as possibilidades de planejar intervenções compatíveis com as condições das famílias. A interação com a comunidade também evidencia que o conhecimento acadêmico

[1] Professor de Ensino Superior: Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco (CESVASF), Pernambuco. correa.cj@gmail.com

ISSN: 2358-8829

precisa ser traduzido, discutido e, quando necessário, reformulado a partir das experiências locais.

Na segunda dimensão, as atividades de campo e os encontros formativos oferecem aos estudantes situações concretas de aplicação dos conteúdos de Engenharia Agronômica. O contato com diferentes sistemas produtivos exige observação, comunicação, análise de problemas e elaboração de orientações compreensíveis. Essa vivência dialoga com as diretrizes da extensão na educação superior, ao associar formação técnica e compromisso social (BRASIL, 2018).

Na terceira dimensão, a proposta de capacitação em práticas agrícolas sustentáveis e produção animal de pequena escala aproxima o ensino de temas relevantes ao território. O manejo da caprinovinocultura, a apicultura e as tecnologias de baixo custo são tratados como possibilidades de discussão e orientação técnica, cuja pertinência depende das características de cada unidade produtiva. A literatura sobre convivência com a seca reforça a necessidade de avaliar soluções em relação às condições ambientais e à capacidade de adoção pelos agricultores (CAVALCANTI; RESENDE; BRITO, 2003).

Na quarta dimensão, a valorização dos saberes do campo evita reduzir a extensão a uma transferência vertical de tecnologia. O encontro entre estudantes, docentes e agricultores cria oportunidades de aprendizagem recíproca e de construção de alternativas contextualizadas. A Figura 1 do banner institucional reúne quatro registros dessas interações: diagnóstico com agricultor, encontro formativo, atividade prática de campo e experimento em horta (CASTRO JUNIOR, 2026).

Embora os relatos indiquem potencial contribuição para a aprendizagem dos bolsistas e para a interlocução técnica com as comunidades, ainda não há informações suficientes para afirmar aumento de produtividade, melhoria de renda, mudanças duradouras na gestão das propriedades ou adoção efetiva de tecnologias. A continuidade dos projetos e a organização de registros sistemáticos são necessárias para avaliar esses possíveis efeitos. Recomenda-se acompanhar participação nas atividades, demandas identificadas, ações executadas e devolutivas dos agricultores, resguardando a natureza ainda parcial dos resultados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

[1] Professor de Ensino Superior: Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco (CESVASF), Pernambuco. correa.cj@gmail.com

As experiências extensionistas do PROUPE no curso de Engenharia Agronômica do CESVASF evidenciam a relevância da aproximação entre formação superior e demandas da agricultura familiar no Vale do São Francisco pernambucano. A combinação de diagnósticos participativos, visitas técnicas, oficinas e práticas de campo constitui uma estratégia educativa coerente com a formação profissional contextualizada e com o compromisso social da universidade.

A principal contribuição identificada nesta etapa é a criação de oportunidades de diálogo entre saberes acadêmicos e conhecimentos dos agricultores, acompanhada de vivências práticas para os estudantes. A sustentabilidade das atividades agrícolas e da produção animal permanece como horizonte de atuação, cuja efetividade depende de acompanhamento continuado e avaliação posterior.

Conclui-se que a extensão universitária pode fortalecer simultaneamente a formação discente e a interlocução com comunidades rurais, desde que preserve a participação dos agricultores e documente seus resultados com rigor. Estudos futuros deverão reunir indicadores qualitativos e quantitativos capazes de verificar a continuidade das práticas e seus efeitos sobre os sistemas produtivos atendidos.

Palavras-chave: Extensão universitária; Engenharia Agronômica; Agricultura familiar; Desenvolvimento rural sustentável; Formação acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Aos estudantes bolsistas do PROUPE, aos agricultores familiares participantes e ao CESVASF, pela contribuição às atividades extensionistas descritas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 12.188, de 11 de janeiro de 2010.** Institui a Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural para a Agricultura Familiar e Reforma Agrária (PNATER) e o Programa Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural na Agricultura Familiar e na Reforma Agrária (PRONATER). Brasília, DF, 2010. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12188.htm. Acesso em: 27 set. 2026.

[1] Professor de Ensino Superior: Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco (CESVASF), Pernambuco. correa.cj@gmail.com

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação**. Resolução CNE/CES nº 7, de 18 de dezembro de 2018.** Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira. Brasília, DF, 2018. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/cne/pdf/normas-classificadas-por-assunto/extensao-na-educacao-superior-brasileira/rces007_18.pdf/view. Acesso em: 27 set. 2026.

CAVALCANTI, Nilton de Brito; RESENDE, Geraldo Milanez de; BRITO, Luiza Teixeira de Lima. Tecnologias de convivência com a seca e os pequenos agricultores do semiárido nordestino. In: **SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CAPTAÇÃO E MANEJO DE ÁGUA DE CHUVA,** 4., 2003, Juazeiro. Anais [...]. Juazeiro: ABCMAC; Petrolina: Embrapa Semi-Árido, 2003. Disponível em: https://www.alice.cnptia.embrapa.br/handle/doc/152996. Acesso em: 27 set. 2026.

CASTRO JUNIOR, Alexandre Corrêa de**. Extensão universitária e desenvolvimento rural sustentável: experiências do PROUPE na Engenharia Agronômica do CESVASF.** Banner institucional, 2026. Material fornecido pelo autor

[1] Professor de Ensino Superior: Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco (CESVASF), Pernambuco. correa.cj@gmail.com